

A LEXICOLOGIA E A TEORIA DOS CAMPOS LEXICAIS

Celina Márcia de Souza Abbade (UNEB/UCSAL)¹
celinabbade@gmail.com

1. Apresentação

Língua e cultura são indissociáveis. A língua de um povo é um de seus mais fortes retratos culturais. Essa língua é organizada por palavras que se organizam em frases para formar o discurso. Cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, étárias, culturais... de quem a profere. Partindo dessa premissa, estudar o léxico de uma língua é abrir possibilidades de conhecer a história social do povo que a utiliza.

A lexicologia enquanto ciência do léxico estuda as suas diversas relações com os outros sistemas da língua, e, sobretudo as relações internas do próprio léxico. Essa ciência abrange diversos domínios como a formação de palavras, a etimologia, a criação e importação de palavras, a estatística lexical, relacionando-se necessariamente com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e em particular com a semântica.

Os *campos lexicais* representam uma estrutura, um todo articulado, onde há uma relação de coordenação e hierarquia articuladas entre as palavras que são organizadas à maneira de um mosaico: *o campo léxico*. As palavras são organizadas em um campo com mútua dependência, adquirindo uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavra vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. Elas só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Assim, para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão.

A teoria dos campos lexicais, segundo a direção estrutural proposta por Coseriu, propõe que um campo se estabelece através de oposições

¹ Doutora e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Bahia, Professora Titular da Universidade do Estado da Bahia- UNEB, atuando no ensino de graduação e pós-graduação (PPGEL) e na Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras/Português pela UAB/UNEB. Professora Adjunta da Universidade Católica do Salvador- UCSAL, atuando no ensino de graduação. Sócia efetiva do CIFEFIL, ABRALIN, GELNE e sócia-correspondente da ABF. celinabbade@gmail.com

simples entre as palavras, e termina quando uma nova oposição exige que o valor unitário do campo se converta em traços distintivos onde não só as palavras se opõem entre si, mas uma oposição de ordem superior opõe campos lexicais distintos. Os campos podem ser mais ou menos complexos e disso vai depender a organização dos mesmos.

O presente trabalho tem como proposta demonstrar a possibilidade de um estudo estrutural do léxico, mesmo sabendo que ainda é muito difícil apresentar uma teoria concisa sobre a estruturação dos campos lexicais, uma vez que existem ainda problemas difíceis de resolver ou até mesmo sem solução.

2. *Os estudos lexicológicos: a lexicologia*

A lexicologia é uma ciência recente, mas os estudos acerca das palavras remontam a Antiguidade Clássica. Sem o lugar merecido, os estudos lexicais permaneceram em segundo plano durante um bom tempo da história linguística. Relegados a segundo plano, os estudos lexicais foram deixados de lado para dar lugar às preocupações acerca dos estudos fonéticos, morfológicos e sintáticos. Quase nada se fazia com as palavras de uma língua além de organizá-las alfabeticamente e buscar suas definições a partir de sua literatura. Apenas a lexicografia tinha uma função definida até o início do século XIX, pelo menos. Nos finais do século XIX, com a marca triunfal da geografia linguística e conseqüentemente o florescimento da onomasiologia, o interesse linguístico passa pouco a pouco da investigação fonética para a dos problemas lexicais. No VII Congresso Internacional de Linguística, em 1952, na cidade de Londres, os conceitos linguísticos gerais são elaborados sobre uma base fenomenológica, significando um sistema de referências extralinguísticas.

Algumas distinções são fundamentais para os estudos lexicológicos. É o caso da distinção básica entre *palavra*, *lexia* e *vocabulo*. Entendido por muitos como uma espécie de sinônimos, poderíamos dizer que não haveria distinção propriamente entre eles. Na verdade, todos sabem o que é uma *palavra*: é um termo genérico, tradicionalmente utilizado na língua, fazendo parte do vocabulário de todos os falantes. Mas, se a palavra é um termo que faz parte do vocabulário do falante, subtede-se que palavra e vocabulário são conceitos distintos. Qual é essa distinção?

O *vocabulário* pode ser entendido como o subconjunto que se encontra em uso efetivo, por um determinado grupo de falantes, numa de-

terminada situação, melhor dizendo, *vocabulário* é o conjunto de palavras utilizadas por determinado grupo. E a *lexia*?

Dizer que *lexias* são as *palavras* de uma língua, estaríamos tornando-a sinônimo da *palavra*. Então, qual a diferença entre esses termos? É que a *lexia*, diferente da *palavra*, é a unidade significativa do léxico de uma língua, ou seja, é uma palavra que tenha significado social.

A *palavra* é uma unidade significativa, mas a sua significação não é só lexicológica, pode também ser morfológica, isto é, gramatical. A *lexia*, ao contrário, tem significação externa ou referencial, ou seja, apenas lexicológica. A sua referência pode ser as coisas concretas ou abstratas.

Assim, na frase “*a escada é velha*”, temos quatro palavras, porém apenas duas *lexias*: *escada* e *velha*. São as *lexias* com função apenas referencial ou lexical. Elas também são palavras, assim como o artigo *a* e o verbo de ligação *e*, que têm função também gramatical além da função referencial.

São exemplos de palavras gramaticais ou morfológicas, os artigos, as preposições, as conjunções. Estudam-se na gramática e são em número limitado. As palavras lexicológicas ou referenciais, melhor dizendo, as *lexias*, constituem a maior parte do léxico de uma língua e são de número indeterminado. Estão organizadas nos dicionários.

Há uma necessidade de se realizar um estudo estrutural do léxico, no entanto, a lexicologia tradicional não tem sido estrutural. Os pontos de vista funcionais ou estruturais do léxico não são vistos explicitamente nos dicionários das línguas. Eugenio Coseriu (COSERIU, 1977) atribui às razões para que isso ocorra ao fato de, nesse estudo, se realizar frequentemente a identificação entre significado linguístico e realidade extralinguística. Além disso, considera-se como lexicologia basicamente o que une o plano da expressão ao plano do conteúdo e o caráter diferente que é dado ao léxico com relação à gramática. Há uma confusão entre o *conteúdo linguístico* e a *realidade extralinguística*, uma falta de distinção entre *palavra* e *coisa*. A esses fatos pode-se acrescentar o exemplo dado por Coseriu para uma pergunta do tipo: – Como se designa árvore em alemão? E a resposta seria simplesmente – *baum*. Dessa maneira, o léxico passa a ser um sistema de nomenclatura com palavras que nomeiam coisas. Mas nem sempre existe uma única palavra para cada coisa, e se a mesma pergunta fosse feita para a língua romena, a resposta não seria tão simples porque *copac* é o genérico, mas uma árvore frutífera chama-se *pom*. Em certos contextos, é necessário usar o termo *arbore* porque não

existe *copac genealogica* ou *pom genealogica*, apenas *arbore genealogica*.

Por outro lado, diferente da gramática que estuda *expressão* e *conteúdo* separadamente, no que diz respeito ao léxico é comum não haver essa distinção, e esse vínculo vai acabar por provocar um entendimento do léxico como uma nomenclatura. Para que a lexemática diacrônica possa realizar-se, é necessário partir-se do *conteúdo* e utilizar-se da *expressão* exatamente como expressão, ou seja, manifestação das distinções existentes para esse conteúdo.

3. A lexemática: o estudo funcional do léxico

A lexemática, ou a semântica estrutural é uma ciência cujo objeto é o *significado léxico*. Nessa ciência lexicológica, só vai interessar o estudo de palavras que manifestem configuração semântica do léxico. Existem palavras que não possuem significado léxico (interjeições; partículas de afirmação ou negação; palavras morfemáticas como artigos, preposições; categoremas como pronomes), assim como os nomes próprios e os numerais que não são estruturáveis. Essas palavras, embora participem na maioria dos fenômenos lexicais e pertençam ao vocabulário da língua, não são objeto da lexemática.

A lexemática não estuda o significado da palavra no texto ou discurso, e sim o seu significado como conteúdo de língua. Ela não se ocupa do que é análogo como “significado de fala”, nem das oposições do ato de fala. Estuda sim, o significado do ponto de vista da própria língua, ou seja, mesmo em contextos totalmente diferentes, o significado será idêntico.

Para a investigação lexicológica, o *estudo funcional do vocabulário* pode justificar-se tanto frente à lexicologia e semântica tradicionais, como frente à gramática gerativa. Frente à lexicologia e semântica tradicionais, o ponto de vista funcional justifica-se na hierarquia dos feitos que serão investigados. A semântica trata do plano do significado na fala, das variantes, enquanto que a lexemática trata das invariantes do significado. As variantes do significado podem explicar-se através das invariantes, porém o contrário não é possível. Frente à gramática gerativa, é na autonomia do plano das línguas, e conseqüentemente também, do conteúdo do plano léxico por elas estruturadas dentro da linguagem em geral,

que o estudo funcional do vocabulário encontra sua justificativa e razão de ser.

As unidades funcionais de uma língua não podem ser comprovadas nas línguas históricas, pois não funcionam nessas línguas como tais. Uma língua funcional é uma língua delimitada dentro de uma língua histórica e homogênea, visto que a língua histórica é o conjunto de dialetos, níveis e estilos de língua. Ela se chama funcional exatamente porque funciona imediatamente ao ato de falar. E as unidades funcionais só podem ser identificadas na língua funcional porque essa língua funcional realmente existe. Assim, a língua funcional pode comprovar suas unidades e estruturas comuns através de uma língua histórica. Em suma, a língua funcional, suas unidades e estruturas, devem identificar-se no plano funcional do sistema da língua, pois, tanto o estudo da norma, como o tipo linguístico, supõe o plano como já conhecido.

A lexemática é composta de quatro princípios gerais que valem não só para a lexemática, como para o estudo funcional das línguas em geral, porque são os mesmos princípios do estudo funcional da língua. São eles: *funcionalidade*, *oposição*, *sistematicidade* e *neutralização*.

A *funcionalidade* consiste na existência das unidades funcionais como tais e está baseado na relação entre o plano do conteúdo e o plano da expressão na linguagem em geral e nas línguas;

A *oposição* se refere ao modo de existir das unidades idiomáticas desde o ponto de vista funcional, e, ao mesmo tempo, a maneira como funcionam enquanto unidades. As unidades existem (funcionam) primariamente por meio de oposições. Exemplo: *jovem* ≠ *velho* ≠ *novo*. Assim *jovem* pode ser analisado como *não velho*, mas apenas para seres animados;

A *sistematicidade* se refere a uma suposição razoável e empiricamente justificada. Parte do princípio de que, em um sistema linguístico, as mesmas diferenças se apresentam sistematicamente (comumente). Para isso, é necessário esperar a repetição de diferenças para se comprovar se em cada caso a repetição se dá efetivamente ou não;

E a *neutralização* existe quando se quer expressar o genérico, o que é comum aos termos de uma oposição. Isso significa que as oposições podem se neutralizar. Exemplo: *noite* / *dia* (oposições). Mas, quando se diz: ‘Viajei oito dias’, a palavra *dia* será genérica para ambos.

Segundo Coseriu:

La tarea fundamental de la lexemática en cuanto disciplina estructural descriptiva consiste en deslindar dentro de las lenguas funcionales e describir de manera sistemática y exhaustiva la paradigmática y sintagmática del vocabulário en el plano del contenido. Su especificidad frente al estudio funcional de las lenguas en general de lo específico de las estructuras paradigmáticas y sintagmáticas que considera. (COSERIU, 1987, p. 229)

Coseriu classifica as seguintes estruturas lexemáticas:

1) *Estruturas paradigmáticas*: primárias (campo léxico e classe léxica) e secundárias (modificação, desenvolvimento e composição).

2) *Estruturas sintagmáticas*: afinidade; seleção; implicação.

Dentro dessas estruturas lexemáticas, E. Coseriu determina o campo lexical que é caracterizado por ele da seguinte maneira:

Un campo léxico és, desde el punto de vista estructural, un paradigma léxico que resulta de la repartición de un contenido léxico continuo entre diferentes unidades dadas en la lengua como palabras y que se oponem de manera inmediata unas a otras, por medio de rasgos distintivos mínimos. Así, por ejemplo, la serie *jung - neu - alt* (“joven”- “nuevo”- “viejo”) es, en alemán, um campo léxico. (COSERIU, 1987, p. 146).

O campo léxico é, pois, uma estrutura paradigmática primária do léxico, ou melhor dizendo, é a estrutura paradigmática por excelência. As relações internas de um campo léxico enquanto estruturas de conteúdo são determinadas pelas oposições semânticas em que funcionam. Em consequência, uma tipologia dos campos deve fundamentar-se em uma classificação das oposições lexemáticas. Os tipos formais de oposições constituem um ponto de partida necessário e um critério importante na tipologia dos campos. Tipos de oposições formalmente diferentes podem funcionar em um mesmo campo. Assim *grand / petit* constituem uma oposição privativa, mas as oposições *petit / minuscule*, *grand / enorme*, que funcionam no mesmo campo, são oposições graduais.

Quando se caracterizam campos inteiros (que em certo nível podem ser microcampos), os tipos formais de oposição servem para distinguir subtipos de campos, mas não os tipos principais que englobam esses subtipos: com efeito, numa classificação estritamente formal, o critério dos tipos formais de oposições se revela como subordinado ao do número de “critérios semânticos” (ou “dimensões”) que funcionam nos campos. A estruturação e funcionamento dos campos não dependem unicamente dos tipos formais de oposições, mas também do tipo de sua relação com a “realidade” extralingüística, que elas organizam ou formam a partir do ponto de vista semântico. Logo, as relações formais internas de um cam-

po pertencem também ao tipo de relação existente entre os significados e sua expressão.

A lexemática, apesar de ser uma disciplina muito jovem (fundada nos anos sessenta), já pode ser considerada hoje como amplamente desenvolvida, pelo menos no que se refere à teoria e à metodologia. Porém, como disciplina descritiva, como estudo sistemático do vocabulário de diferentes línguas, a lexemática ainda está no começo. Até agora apenas alguns domínios e pouquíssimas línguas foram estudados e descritos suficientemente do ponto de vista lexemático. Os estudos realizados até então, já abrem caminhos importantes para a compreensão da estrutura das línguas, tornando a lexemática uma disciplina indispensável para a linguística Aplicada no que diz respeito principalmente ao ensino das línguas, a lexicografia unilíngue e à teoria e prática da tradução.

4. Para uma semântica diacrônica estrutural: a teoria dos campos lexicais

Os estudos dos *campos lexicais* remontam ao dos *campos linguísticos*.

A teoria dos *campos linguísticos* tem como um de seus precursores, Jost Trier (1931). Suas ideias constituíram uma grande revolução na semântica moderna. Trier vai estudar as palavras visando ao setor conceitual do entendimento, mostrando que elas constituem um conjunto estruturado onde uma está sob a dependência das outras. Assim as palavras se unem como numa cadeia, onde a mudança em um conceito acarreta modificação nos conceitos vizinhos, e assim por diante. Nesse sentido, as palavras formam um *campo linguístico* através de um *campo conceitual* e exprimem uma visão do mundo de acordo com a reconstituição que elas possibilitam. A teoria proposta por Trier possibilita L. Weisgerber a incluí-la em uma ampla teoria linguística e, nessa teoria, surge o conceito de *campo linguístico* que abarca tanto os *campos léxicos*, quanto os *campos sintáticos*. Assim, desses *campos linguísticos*, surgem os *campos lexicais* e os *campos semânticos*.

Enfim, as ideias de Trier deram origem a numerosos trabalhos e a sua noção de *campo linguístico*, como qualquer coisa que é revolucionária, provocou, e continua provocando inúmeras críticas e sugestões. Essas críticas vão desde a advertência para não valorizar demais a teoria do campo, até aos seus resultados propriamente ditos. Tantas críticas existi-

ram porque faltava um método para a teoria do campo, não existia uma técnica linguística ou procedimentos linguísticos para esse estudo. As investigações estavam fundamentadas em intuições, daí tantas críticas a respeito dessa teoria. A busca desse método é propósito de Eugenio Coseriu em seus esforços para criar uma semântica estrutural.

A teoria do campo lexical de Eugenio Coseriu propõe uma análise estrutural do vocabulário, determinando o campo lexical dentro de estruturas lexemáticas onde os lexemas constituem um sistema de oposições. Essa teoria do campo lexical vem desde F. de Saussure, demonstrando que a língua é uma estrutura onde as palavras formam sistemas relacionados entre si. Ferdinand Saussure no *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 1970, p. 142-7) escreveu sobre a rede de associações que se desenvolvem em torno de uma palavra, e afirma que: “Um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para o qual convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”. (SAUSSURE, 1970, p. 146)

Assinala Horst Geckeler que o conceito de campo já se acha no *Cours de Linguistique Générale* (parte 2, cap. 4), aí estando os princípios *avant la lettre* do pensamento em categorias de campo, ao tratar-se das relações associativas (GECKLER, 1976, p. 104-5).

Enquanto Saussure partiu da relação *significante/ significado*, trabalhando com o desenvolvimento histórico dos significantes e com as mudanças estruturais dos significados, E. Coseriu, em lugar de trabalhar com os termos saussurianos, preferiu os termos de L. Hjelmslev, *expressão / conteúdo*.

Eugenio Coseriu nos mostra que é possível um estudo diacrônico estrutural das significações das palavras, desde que se entenda a forma ou substância semântica como substância linguisticamente formada. Ele deixa isso muito claro em *Para uma Semântica Diacrônica Estrutural* (COSERIU, 1977), através de exemplos latinos e de línguas românicas, nos quais Coseriu vem mostrar a necessidade e a possibilidade de um estudo diacrônico estrutural da significação das palavras. O problema exposto é basicamente o das mudanças estruturais do léxico que, em termos saussurianos, não diz respeito ao desenvolvimento histórico dos significantes, nem às suas substituições ao longo das histórias das línguas. Dentro de um estudo diacrônico estrutural do plano do conteúdo, esse conteúdo é entendido como a substância semântica linguisticamente formada. Para um estudo estrutural, é necessário analisar a *língua funcional*, en-

tendida como língua enquanto sistema, ou seja, uma língua até certo ponto unitária dentro de uma língua histórica e não aquilo que se refere a uma língua histórica tomada em seu conjunto que geralmente compreende uma série de línguas funcionais que às vezes são bastante diferentes. As unidades funcionais de uma língua devem estabelecer-se ali onde funcionaram, e mediante as oposições em que funcionam.

Em *El Estudio Funcional del Vocabulário* (COSERIU, 1987), Coseriu trata da lexemática, entendida como o estudo funcional do vocabulário, o estudo da significação do léxico, a semântica estrutural lexical. O conteúdo linguístico é composto de *significação*, *designação* e *sentido*. A *significação* é o conteúdo linguístico de determinada língua, a *designação*, a relação com a realidade extralingüística, e o *sentido* é o conteúdo especial de um texto ou de uma unidade de texto. Entende-se então que, só há *significação* nas línguas e não no falar em geral. Assim como a *designação* é a referência à realidade enquanto representação, feito, estado de coisas, independente da estruturação de tal língua e existe no falar em geral, a *significação* é a estruturação em uma língua das possibilidades de *designação*. A *designação* é um ato de falar, é a utilização de uma *significação*. A *significação* (significado) e a *designação* funcionam como significante (signo material), com respeito ao seu significado (conteúdo).

Coseriu classifica a *significação* em cinco tipos: *lexical*, *categorial*, *instrumental*, *sintática* ou *estrutural* e *ôntica*.

A *significação lexical* diz respeito ao *sentido* da palavra e é o que vai interessar aos estudos em lexicologia. A *categorial* refere-se à categoria das palavras (substantivo, adjetivo, verbo etc.); a *instrumental* ao sentido dos instrumentos gramaticais (desinências, prefixos, sufixos, acento, ritmo etc.); a *sintática* ou *estrutural* ao significado das construções gramaticais (lexemas + morfemas) que formam o singular, plural, presente, pretérito etc.; e a *significação ôntica* que só ocorre no plano das orações, pois é o valor existencial na intuição significativa ao 'estado de coisas' apresentado em uma oração (afirmativo, negativo, imperativo etc.).

A lexemática ocupa-se apenas da *significação lexical*, excluindo os outros tipos de significação, tomando como objeto de análise uma língua particular na sua individualidade, ao estabelecerem as suas estruturas paradigmáticas. Assim, as unidades funcionais já estão lexicalizadas, isto é, já existem na língua.

Dessa forma, Eugenio Coseriu, ao estudar a estruturação dos campos lexicais, propõe sempre um estudo diacrônico e estrutural do léxico onde se possa investigar o funcionamento de uma língua, partindo-se da *significação* estrutural para a *designação*, ou seja, a língua é descrita como estruturação de conteúdos. Coseriu lembra que um estudo diacrônico estrutural da língua, só terá valor quando se estuda a língua enquanto sistema, ou seja, a língua funcional. Ora, o funcionamento de uma língua difere muitas vezes de sua história. Logo, toda descrição estrutural de uma língua histórica, deve ser realizada em cada uma das línguas funcionais que ela abarque. A língua funcional, suas unidades e estruturas, devem identificar-se no plano funcional do sistema da língua, pois, tanto o estudo da norma, como o tipo de língua, supõe o plano como já conhecido.

Para que a lexemática diacrônica possa realizar-se, é necessário partir-se do *conteúdo* e utilizar-se da *expressão* exatamente como expressão, ou seja, manifestação das distinções existentes para esse conteúdo.

O campo léxico é, pois, uma estrutura paradigmática primária do léxico, ou, melhor dizendo, é a estrutura paradigmática por excelência. As relações internas de um campo léxico enquanto estrutura de conteúdo, são determinadas pelas oposições semânticas em que funcionam. Dessa forma, uma tipologia dos campos deve fundamentar-se em uma classificação das oposições lexemáticas. Desse modo, tipos formais de oposições constituem um ponto de partida necessário e um critério importante na tipologia dos campos. Quando se caracterizam campos inteiros (que em certo nível podem ser microcampos), os tipos formais de oposição servem para distinguir subtipos de campos, mas não os tipos principais que englobam esses subtipos: com efeito, numa classificação estritamente formal, o critério dos tipos formais de oposições se revela como subordinado ao do número de “critérios semânticos” (ou “dimensões”) que funcionam nos campos. A estruturação e funcionamento dos campos não dependem unicamente dos tipos formais de oposições, mas também do tipo de sua relação com a “realidade” extralingüística, que elas organizam ou formam a partir do ponto de vista semântico. Logo, as relações formais internas de um campo pertencem também ao tipo de relação existente entre os significados e sua expressão.

O fato de os sistemas serem mais numerosos no léxico do que na gramática e na fonologia significa apenas que a descrição lexical será mais complicada e empiricamente mais difícil. Porém, apesar das inúmeras diferenças de uma língua, incluindo aí a língua histórica e a funcional,

existe um fundo lexical comum onde é possível se organizarem estruturas precisas. Nessa mesma língua existem também as estruturas imprecisas que, do ponto de vista estrutural proposto por Coseriu, deverão ser apresentadas exatamente como são. Não é necessário que se imponham estruturas “perfeitas” para que um estudo estrutural tenha valor. O importante é apresentar o funcionamento real da língua. Além do mais, muitas estruturas aparentemente imprecisas, poderiam ter precisão se fosse possível fazer-se a distinção *sistema e norma*, ou *estrutura e uso* de uma língua.

Ainda é muito difícil apresentar uma teoria concisa sobre a estruturação dos campos lexicais, uma vez que existem problemas difíceis de resolver ou até mesmo sem solução.

5. *Considerações finais*

A língua de um povo faz parte da sua cultura, pois ela é a expressão desse povo. Mesmo sabendo que a fala é individual, o seu objetivo é socializar-se para que haja comunicação, principal função da fala. Se comunicar é *pôr em comum*, falar é *expressar o individual* de forma social para que a comunicação se estabeleça. Com base nesses princípios, a teoria funcionalista da linguagem visa o estudo da língua e da fala em seu momento de uso. Conforme o próprio nome já diz, o Funcionalismo vem tratar do funcionamento da linguagem. O enfoque principal dado ao trabalho foi a perspectiva proposta por Eugenio Coseriu de estruturação os campos lexicais. Se a linguagem tem caráter dinâmico, não se pode estudar a língua de um povo de maneira estática, pois se perderá de vista a evolução da língua no sistema linguístico e social.

Um estudo estrutural do léxico deixa claro que, ainda que não se possa abarcar todo o léxico de uma língua, pode-se começar a realizar a estruturação desse léxico a partir de um *corpus* delimitado.

A teoria dos campos lexicais proposta por Eugenio Coseriu nos dá a possibilidade de realizar um levantamento de um léxico específico e, conseqüentemente, poder conhecer algum aspecto específico da sociedade em que se está realizando tal estudo.

Longe de se esgotar, os estudos em lexicologia necessitam de pesquisadores que se aventurem na história de um povo a partir o seu vocabulário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBADE, Celina Márcia de Souza. *Um estudo lexical o primeiro manuscrito da culinária portuguesa: o Livro e Cozinha da Infanta D. Maria*. Salvador: Quarteto, 2009.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

COSERIU, Eugenio. *Gramática, semántica, universales estudios de la lingüística funcional*. 2. ed. rev. Madrid: Gredos, 1987.

COSERIU, Eugenio. *Princípios de semántica estructural*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández, rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1977.

GECKELER, Horst. *Semántica estructural y teoria do campo léxico*. Vers. esp. de Marcos Martínez Hernández rev. por el autor. Madrid: Gredos, 1976.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad. de Antônio Chelini et al. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1970. Pref. à ed. bras. de Isaac Nicolau Salum.

TRIER, Jost. *Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes*, Heidelberg, 1931.

ULMANN, Stephen. *Lenguaje y estilo*. Trad. do inglês por Juan Martín Ruiz-Werner. Madrid: Aguilar, 1973.